

OPINIÃO

A EXPANSÃO DOS BRICS E SEU IMPACTO AO MERCADO DE PETRÓLEO

Autora: Luiza Guitarrari – Pesquisadora FGV Energia

Este artigo expressa as opiniões dos autores, não apresentando necessariamente a opinião institucional da FGV.

Criado em 2009, o BRICS consiste em um agrupamento de países “emergentes” (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que são considerados atores-chave para o futuro da Economia Global. Além de reunir características demográficas similares, os países apresentam crescente desenvolvimento e destaque no setor industrial, energético e agronegócioⁱ. No que tange ao cenário internacional, o BRICS congrega os principais atores geopolíticos do chamado “Sul Global” e, países capazes de influenciar as dinâmicas atreladas à Defesa e Segurança Internacional, como China e Rússia, ambos com representação permanente no Conselho de Segurança da ONU.

Até 2023, o BRICS era composto por Estados de dimensões continentais, os quais ocupam 30% do território do planeta, concentrando pouco mais de 42% da população global e vasta disponibilidade de bens e recursos, cuja participação corresponde a 18% do comércio internacionalⁱⁱ. Juntos, os cinco países são responsáveis por 36,7% do consumo global de energia e ocupam posições importantes no contexto da oferta e demanda de fontes fósseisⁱⁱⁱ.

No entanto, a participação econômica, demográfica e energética desses países aumentará a partir do anúncio de expansão dos BRICS em agosto de 2023. O novo formato aglutinará mais seis países, alguns dos quais influenciam diretamente nos fundamentos do Mercado Global de energia, sobretudo de petróleo e gás. Assim, o presente artigo tem por finalidade o impacto da expansão do BRICS para o mercado de petróleo e as possíveis dinâmicas que serão desencadeadas a partir de 1º de janeiro de 2024.

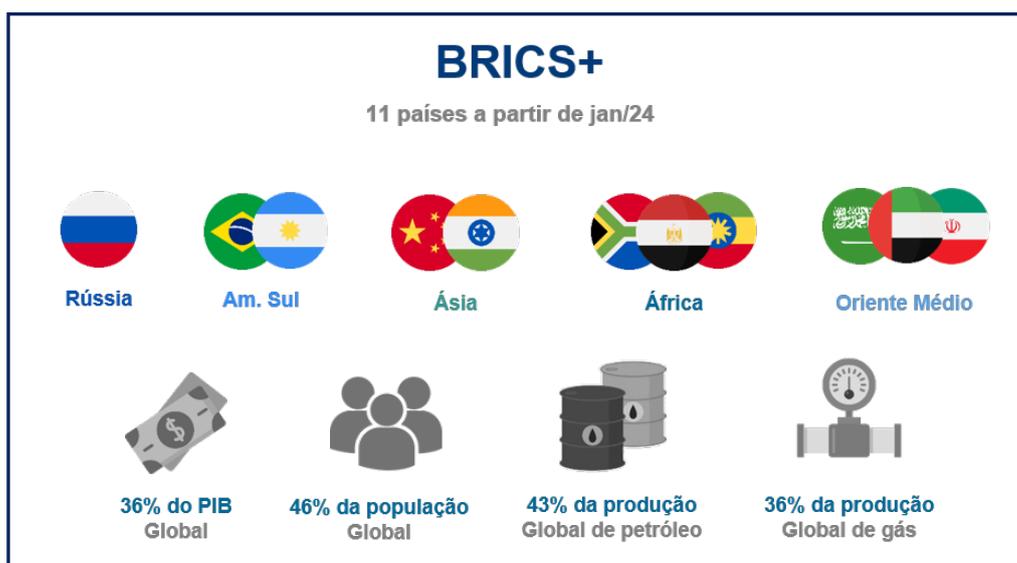
1. BRICS+

Entre os dias 22 e 24 de agosto, os chefes de Estado do BRICS se reuniram em Johannesburgo (África do Sul), para realização da XV Cúpula dos BRICS sobre o tema "Parceria para Crescimento Mutuamente Acelerado, Desenvolvimento Sustentável e Multilateralismo Inclusivo". Ao final da cúpula foi divulgada a 2ª expansão do BRICS, cerca de 14 anos depois da adesão da África do Sul ao bloco. Dentre os 22 Estados solicitantes para integrar o bloco, seis foram considerados aptos: Argentina, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos (EAU), Egito, Etiópia e Irã.

A expansão dos BRICS acentua sua heterogeneidade, que passa a reunir países que se diferem das características iniciais do grupo. A nova formação, agora com representantes de ao menos cinco regiões do globo, reforça a importância do multilateralismo, a ascensão de projetos voltados para o Sul Global, mas sobretudo demonstra o papel da China como grande força motriz das Relações Internacionais do século XXI.

A partir de 1º de janeiro de 2024, o intitulado BRICS+ deixará de participar 29% da economia global e passará a totalizar 36%, levando em consideração as projeções para 2023 (**Ver Figura 1**).

Figura 1: Infográfico de BRICS+



Fonte: elaboração própria com base nos dados do FMI (2022) e Statistical World Energy Review (2023)

O BRICS+ visa prospectar novos parceiros e atrair investimentos a projetos distintos, incluindo oportunidades para o próprio NBC – Novo Banco de Desenvolvimento dos BRICS, do qual a ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff, tomou posse de sua direção neste ano. Junto aos países do Oriente Médio, entre os quais a Arábia Saudita e os EAU detêm um dos maiores fundos de investimento do mundo, o NBC pode fornecer mais linhas de crédito aos BRICS+, aumentar a capacidade de investimento em projetos voltados para infraestrutura, energia e, principalmente, Transição Energética. Até 2026, o Banco se comprometeu a destinar 40% dos seus aportes para projetos que contribuam para a mitigação das mudanças climáticas^{iv}.

Nesse âmbito de mudanças de ordem econômica, é observado que os novos membros do BRICS+ detêm um alinhamento econômico comum com a China. A exemplo disso, destaca-se a renegociação da dívida argentina pelo Governo de Pequim, a realização de um pacto de desenvolvimento econômico com o Irã por um período que compreende 25 anos e estabelecimento de acordos em infraestrutura, energia e defesa com a Arábia Saudita. A China será também um grande articulador diplomático, como o fez em março deste ano ao mediar a (re)aproximação entre dois Estados com elevada produção de petróleo, o Irã e a Arábia Saudita^v.

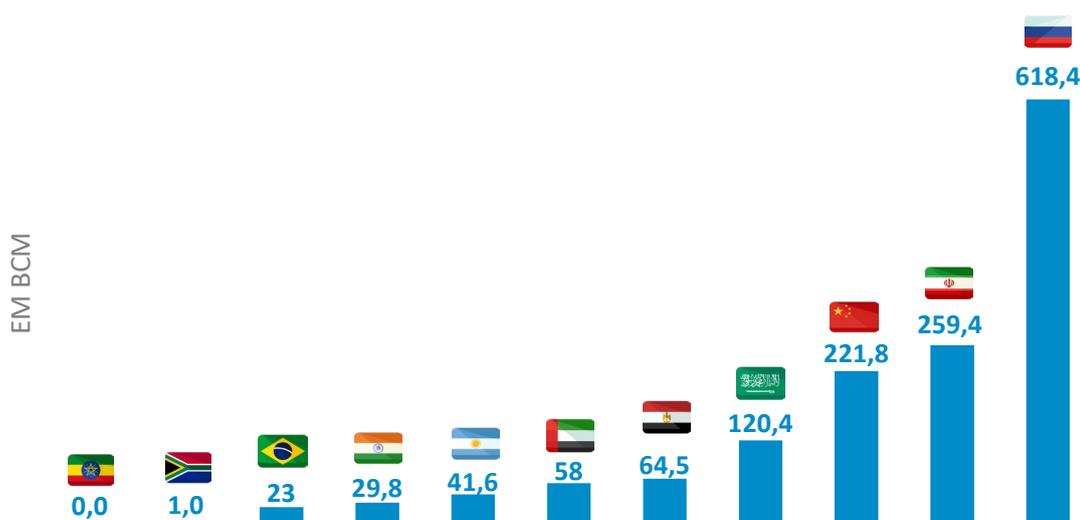
Para além do escopo econômico e financeiro, em seu comunicado final os países do BRICS ventilaram a possibilidade de adesão de novos membros permanentes ao Conselho de Segurança da ONU, pauta que China e Rússia utilizam como instrumento de manutenção de peso geopolítico a nível internacional.

2. O Mercado de Petróleo

A partir de janeiro de 2024, além de agregar seis dos dez maiores produtores de petróleo da atualidade, a formação BRICS+ pode concentrar cerca de 43% da oferta global de petróleo, 39% da capacidade global de refino e 36% da produção de gás natural. No que tange ao gás, o BRICS+ traz países relevantes ao mercado global, dos quais os cinco maiores produtores dentro do grupo são Rússia (43%), Irã (18%), China (15%), Arábia Saudita (8%) e Egito (5%).

Em alusão ao país norte-africano vale mencionar sua ambição em se tornar um *hub* regional de gás e um fornecedor relevante de GNL para a Europa, por possuir um dos únicos terminais de regaseificação da porção leste do Mediterrâneo^{vi}. Em 2022, foram produzidos 64 bcm¹ de gás (**Ver Gráfico 1**), sendo esperado um aumento para os próximos anos devido à produção do campo de Zohr, que detém uma reserva de gás estimada em 850 bcm^{vii}.

Gráfico 1: Produção de gás do BRICS+ em 2022



Fonte: elaboração própria com base nos dados do *Statistical World Energy Review (2023)*

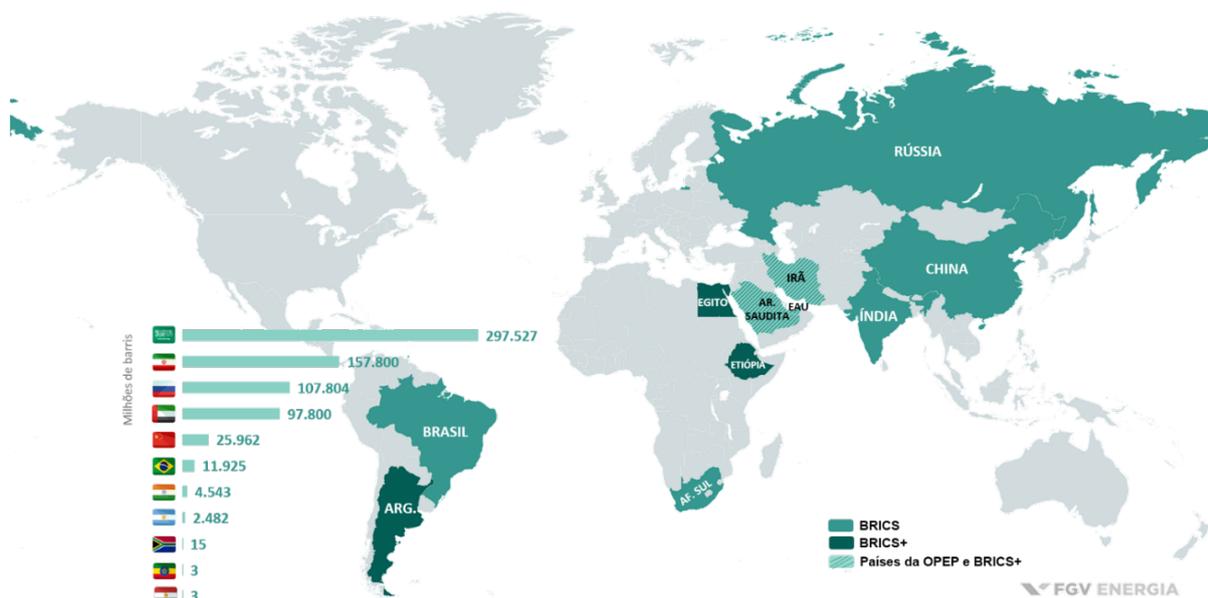
A entrada dos países do Oriente Médio pode trazer mudanças significativas para a concentração dos recursos fósseis a nível global, principalmente na figura da Arábia Saudita, que sozinha é responsável por 13% da oferta global de petróleo e, junto a Emirados Árabes Unidos e Irã, participam 21%. Por sua vez, as reservas de petróleo dos três países correspondem a cerca de 78% do volume total do BRICS+, assim, os Estados do Oriente Médio supracitado figurarão, junto à Rússia, enquanto os maiores países em reservas de petróleo do grupo.

Por sua vez, o Brasil enquanto 6º maior país em reserva de petróleo do BRICS+ tem a oportunidade de compor um agrupamento político junto a grandes produtores da OPEP. Não há, entretanto, uma perspectiva explícita quanto à capacidade dessa articulação influenciar junto à OPEP os fundamentos de oferta

¹ Bilhões de metros cúbicos (bcm, em inglês).

no mercado de petróleo (**Ver Figura 2**). Pelo contrário, receia-se a diluição da influência brasileira no BRICS+ em meio aos seis novos membros.

Figura 2: Reservas de Petróleo BRICS+ em 2022



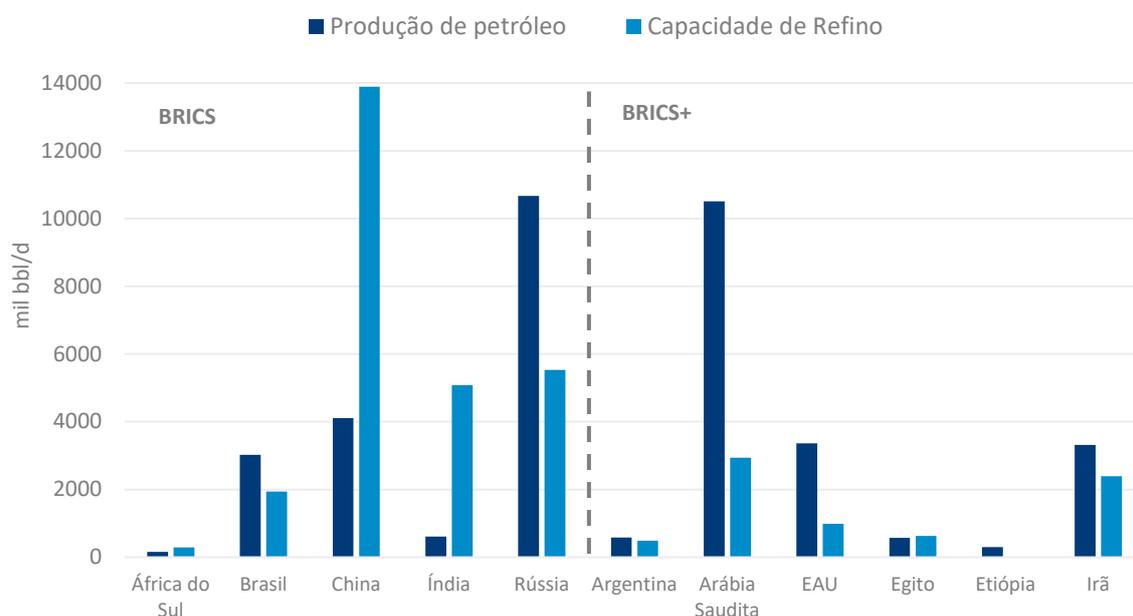
Fonte: elaboração própria com base nos dados do *Statistical World Energy Review (2023)*

Outra implicação geoeconômica ao Mercado de Petróleo é o fato de Arábia Saudita e Rússia já exercerem influência sobre as dinâmicas do Mercado Global de petróleo a partir da OPEP+ e, agora parte de um mesmo bloco político, podem, nos próximos anos, expandir seu peso econômico e político nos demais fóruns internacionais. Nesse sentido, é esperado, segundo fala do Ministro de Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, que grandes fornecedores como a Arábia Saudita e EAU, possam acelerar a cooperação energética entre os países que compõem o BRICS.

Outro ator que poderá ser beneficiado pela adesão ao grupo é o Irã. Apesar do contexto de restrição da oferta de 4,66 MMbbl/d da OPEP+, o Estado iraniano tem registrado um aumento progressivo da sua produção com cerca de 2,7MMbbl/d de petróleo disponíveis ao mercado no 1º semestre de 2023^{viii}. O crescimento ocorreu em paralelo à tentativa de negociações com os Estados Unidos e às sanções europeias ao petróleo bruto russo, desde dezembro de 2022, e derivados, desde fevereiro de 2023. Nesse ínterim, o Irã tem disputado uma fatia do mercado de exportações com a Rússia, haja vista que ambos os países

destinam petróleo para consumidores na Ásia. Por ser país contrário à decisão de restrição da oferta de petróleo e consequente contração das exportações de petróleo bruto dos países que compõem a OPEP, o Irã manteve em agosto um volume elevado de suas exportações entre 1,4 MMbbl/d e 2,2 MMbbl/d, sobretudo para China. Assim, a sua entrada ao BRICS+ pode fornecer ao país rotas alternativas de escoamento de petróleo a partir do diálogo com novos parceiros e comércio em moedas nacionais.

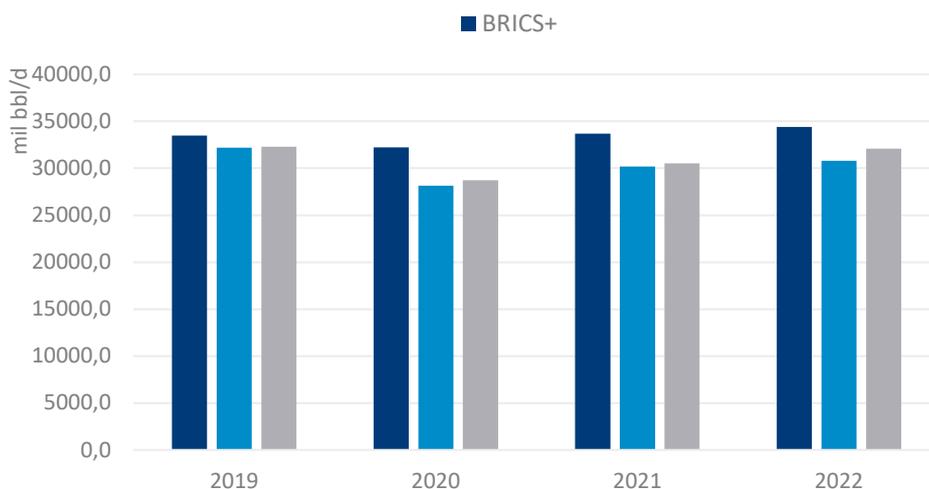
Gráfico 2: Produção de petróleo e Capacidade de Refino BRICS+



Fonte: elaboração própria com base nos dados do *Statistical World Energy Review (2023)*

No âmbito do consumo por petróleo, os BRICS+ irão superar o Grupo das sete maiores economias globais, o G7. Levando em consideração o ano de 2022, os BRICS+ correspondem a 35% da demanda global de petróleo consumindo cerca de 34 MMbbl, sendo 3% maior que o próprio consumo do G7 (**Ver Gráfico 3**). Portanto, os BRICS+ não somente concentrarão a maior parcela da produção de petróleo e, por consequência, maior controle sobre a oferta global, mas, igualmente agruparão alguns dos maiores consumidores da atualidade: China (14 MMbbl), Índia (5 MMbbl) e Arábia Saudita (3,8 MMbbl)^{ix}.

Gráfico 3: Consumo de petróleo



Fonte: elaboração própria com base nos dados do *Statistical World Energy Review (2023)*

Nesse contexto, o BRICS+ pode ter uma influência maior nas dinâmicas atreladas ao Mercado de petróleo nos próximos anos e reposicionar grandes produtores, como Irã e Rússia, em acordos energéticos. Tendo em vista que a “segurança energética dependerá, em grande parte, de como os países se relacionam” (YERGIN, 2006)^x, a aproximação política entre os onze Estados pode proporcionar um comércio mais heterogêneo e, que leve em consideração as especificidades de cada região.

2.1.Desdolarização

O novo agrupamento de países além de redesenhar a ordem internacional vigente também pode trazer novas dinâmicas ao Mercado Global de Energia, dentre elas a comercialização de fontes energéticas em outra moeda que não o dólar. No entanto, o processo de “desdolarização” da moeda americana é um processo que não se restringe apenas aos países do BRICS e não será, pelo menos por ora, uma pauta econômica e comercial na agenda do bloco. De fato, alguns dos países têm sinalizado a possibilidade de adotar uma moeda de conversibilidade comum para facilitar o comércio bilateral e evitar eventuais oscilações do dólar.

Nesse sentido, China e Rússia têm debatido a possibilidade de criação de um método em separado do dólar americano que desvincule o uso da moeda

enquanto ferramenta de controle e de influência geopolítica pelo seu emissor. O interesse russo ocorre, especialmente, pela expulsão do país das redes financeiras do dólar e euro. Possivelmente será uma pauta que voltará a ser debatida em futuras cúpulas e encontros ministeriais do BRICS+, especialmente pelo Irã que enxerga a sua adesão aos BRICS enquanto uma nova janela para negociações e potencial enfraquecimento das sanções americanas à sua Economia.

No âmbito do comércio de petróleo, o uso de moeda para pagamentos transfronteiriços tem sido proeminente nas relações entre Oriente Médio e Ásia. Na verdade, é uma pauta que vinha sendo discutida entre Índia e Emirados Árabes Unidos desde o fórum Econômico de Davos, no início deste ano^{xi}. E, recentemente, a empresa *Indian Oil Corp* anunciou a compra de 1 MMbbl de petróleo da *Abu Dhabi National Oil Company*, através do uso da moeda indiana, a rúpia^{xii}. Os vizinhos China e Rússia também já comercializaram petróleo tanto na moeda nacional chinesa, o yuan, quanto na moeda russa, o rublo^{xiii}, que reduzem vulnerabilidades econômicas e são uma solução russa às sanções europeias.

Portanto, a desdolarização no mercado de petróleo pode apontar para novas soluções de mercado a países como Irã e Rússia, atualmente sob sanções, mas não significam uma mudança de paradigma para todo o agrupamento BRICS+. A princípio sua intenção principal estará pautada na criação de uma moeda comerciável dentro do bloco e que não seja vinculada a nenhuma moeda nacional de maneira a minimizar os custos ao retirar conversões em dólares das transações.

Considerações Finais

Em suma, o BRICS+ pode acelerar o diálogo de alto nível entre potências energéticas e economias emergentes, em que seus Estados-Membros detêm a capacidade de influenciar no mercado de petróleo, sobretudo nos preços e oferta disponível. Ao agrupar os maiores produtores de petróleo junto a países com um

PIB anual em contínua ascensão, como China e Índia, além de nações com vasta concentração de recursos naturais, como Brasil, será esperado maior atuação do BRICS+ em longo prazo e que diminua a influência das sete maiores economias do mundo, o G7.

Aliado a isso, o BRICS+ pode impulsionar novos acordos em infraestrutura e energia, além de acelerar projetos conjuntos que contribuam para a mitigação das mudanças climáticas. No que tange aos países produtores de petróleo, pode ocorrer um gerenciamento da oferta global de petróleo exercendo maior pressão e controle sobre os principais fluxos de mercado.

Por fim, o BRICS+ também demonstra uma tentativa dos novos Estados-membros em diversificar os laços com mais países do Sistema Internacional e, em particular, construir uma relação mais próxima com a China. Nesse preâmbulo, o país asiático poderá delinear os próximos contornos da ordem econômica global e estreitar relações com países-chave para manutenção da segurança energética a nível regional.

REFERÊNCIAS

ⁱBARTOLO, Ana Beatriz. **O que significa BRICS, quais países fazem parte e quais são os objetivos? Valor Econômico.** Publicado em: 21 ago.2023. Disponível em:< <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2023/08/21/o-que-significa-brics-quais-paises-fazem-parte-e-quais-sao-os-objetivos.ghtml>>.

ⁱⁱ Planalto Federal. **BRICS: a sua história.** Governo Federal. Disponível em:< <https://www.gov.br/planalto/pt-br/assuntos/reuniao-do-brics/historia-do-brics>>.

ⁱⁱⁱMME, 2017. **Energia no Bloco dos BRICS. Ministério de Minas e Energia.** Publicado em: 27 nov. 2011. Disponível em:< <https://www.gov.br/mme/pt-br/arquivos/document-0-8875300440329635.pdf>>.

^{iv} CHIAPPINI, Gabriel. **O Brics+ e a corrida pela transição energética.** EPBR. Publicado em: 28 ago. 2023. Disponível em:< <https://epbr.com.br/o-brics-e-a-corrida-pela-transicao-energetica/>>.

^v **Iran and Saudi Arabia agree to restore relations.** Reuters. Publicado em: 10 mar. 2023. Disponível em:< <https://www.aljazeera.com/news/2023/3/10/iran-and-saudi-agree-to-restore-relations>>.

^{vi} COUSIN, Eduard. **Out of gas? Egypt's ambitions to become a regional gas hub are dwindling.** Reuters. Publicado em: 04 out. 2023. Disponível em:< <https://www.aljazeera.com/news/2023/10/4/all-gassed-up-egypts-ambitions-to-become-a-regional-gas-hub-are-dwindling>>.

vii *Ibid.*

viii IEA- International Energy Agency. **Oil 2023: Analysis and forecast to 2028**. June, 2023. Disponível em: <<https://iea.blob.core.windows.net/assets/6ff5beb7-a9f9-489f-9d71-fd-221b88c66e/Oil2023.pdf>>

ix Energy Institute, 2023. **Statistical Review of World Energy 2023**. Disponível em: <<https://www.energyinst.org/statistical-review/resources-and-data-downloads>>.

x YERGIN, D. **Ensuring energy security**. *Foreign Affairs, New York*, v. 85, n. 2, Mar.-Apr. 2006. Disponível em: < <https://www.foreignaffairs.com/world/ensuring-energy-security>>.

xi DAHAN, Maha. **DAVOS 2023-UAE and India discussing settling non-oil trade in rupees**. Reuters. Publicado em: 19 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.reuters.com/markets/commodities/davos-2023-uae-india-discussing-settling-non-oil-trade-rupees-2023-01-19/>>.

xii **India makes first crude oil payment to UAE in Indian rupees**. Reuters. Publicado em: 14 ago. 2023. Disponível em: < <https://www.reuters.com/business/energy/india-makes-first-crude-oil-payment-uae-indian-rupees-2023-08-14/>>.

xiii FOY, Henry. **Russia is increasingly using China's currency to evade sanctions**. Financial Times. Publicado em: < 27 set. 2023. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/f1347042-cb5c-40d8-ac81-5bbc85542abd>>.

AUTORA



Luiza Guitarrari é graduada em Defesa e Gestão Estratégia Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora no âmbito do setor de Óleo&Gás e Biocombustíveis, com ênfase nas áreas de comércio exterior, gestão estratégica e segurança energética. Ao longo da graduação participou do Laboratório de Estudos de Segurança e Defesa (LESD-UFRJ) desenvolvendo pesquisa sobre o cenário energético dos países do Cáucaso e, participou da Liga Acadêmica de Petróleo (LIGPETRO) vinculada ao curso de Engenharia do Petróleo da UFRJ. Foi voluntária temporária no European Research Institute (ERI), em Turin, Itália, contribuindo para a promoção do 10º ODS da Agenda 2030 das Nações Unidas. Atualmente, atua enquanto pesquisadora de Geopolítica da Energia pós-soviética no "Boletim Geocorrente", periódico quinzenal da Escola de Guerra Naval vinculada a Marinha.

MANTENEDORES FGV ENERGIA

OURO



PRATA

